

UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA DA MODALIDADE DEÔNICA EM ESPANHOL ORAL

Valdecy Oliveira Pontes¹
 Nadja Paulino Pessoa Prata²
 André Silva Oliveira³
 Renata Pereira Vidal⁴

RESUMO: Objetivamos, neste trabalho, analisar a expressão da modalidade deônica em língua espanhola oral, de modo integrador, à luz do funcionalismo linguístico, que vê a linguagem como um fenômeno de ordem social, impossível de ser estudada autonomamente, isolada de contextos reais de uso. Delimitamos o nosso *corpus* de análise a partir do material disponível pelo “Laboratório de Linguística Informática (LLI)”, o *Corpus Oral de Referencia de la Lengua Española Contemporánea* (CORLEC). Para a análise quantitativa, utilizamos o programa *Statistical Package for Social Science - SPSS* (versão para Windows). Após nossa análise detalhada, na qual consideramos desde os meios de expressão até as marcas de subjetividade, verificamos que o falante produz seu enunciado, partindo da intenção para a articulação. A partir de seus propósitos comunicativos, o falante vai codificar seu enunciado de modo que gere determinados efeitos desejados, sejam de comprometimento distanciamento ou atenuação do que enuncia. Concluímos que nossas escolhas, na hora de produzir os enunciados, não são arbitrárias, pelo contrário, estão condicionadas, e não só por fatores linguísticos, mas também por fatores externos à língua.

Palavras chave: funcionalismo; modalidade deônica; língua espanhola.

FUNCTIONALIST ANALYSIS OF THE DEONTIC MODALITY IN ORAL SPANISH

ABSTRACT: Our objective, on this work, is to analyze the expression of the deontic modality on oral Spanish language, in an integrative way, using the linguistic functionalism, which sees the language as a social phenomenon, impossible to be studied autonomously, separate from the real context of use. We delimit our *corpus* of analysis with the available material from the “laboratory of informatics linguistic (LIL)”, the Reference Oral Corpus of the Contemporary Spanish Language (ROCCSL). For the quantitative analysis, we used the program *Statistical Package for Social Science – SPSS* (Windows version). After our detailed analysis, in which we considerate from the means of expression to the marks of subjectivity, we verify that the speaker

¹ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2012) e Pós-doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). É Professor Adjunto, na graduação em Letras-Espanhol e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (POET), da Universidade Federal do Ceará. CE, Brasil, valdecy.pontes@ufc.br

² Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2011). É professora Adjunta (nível 3) da Universidade Federal do Ceará, vinculada ao Departamento de Letras Estrangeiras - DLE (Unidade de Espanhol), onde exerce atividades de ensino, pesquisa e extensão. É uma das líderes do Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF).

³ Mestrando em Linguística, UFC.

⁴ Bolsista PIBIC. Cursa Licenciatura em Letras - Espanhol, pela Universidade Federal do Ceará. É integrante do Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF), dedicando-se à análise e descrição da língua espanhola.

produces its enunciate from the intention for the articulation. From its communicative purposes, the speaker is going to codify his enunciate in a way that he will generate the wanted determined effects, whatever they are of implication, insulation or attenuation. We conclude that our elections, when it comes to producing the enunciate, are not arbitrary but they are conditioned, and not only by linguistic factors, also by external factors to the language.

Keywords: functionalism; deontic modality; Spanish language.

Introdução

A escolha por uma vertente funcionalista se dá tendo em vista a necessidade de estudar a categoria modalidade deôntica de modo abrangente, apreendendo desde os meios de expressão até possíveis marcas de subjetividade. Embora, segundo a Gramática Funcional e a Discursivo-Funcional, a modalidade deôntica seja objetiva, pois se encontra em um nível representacional da linguagem, é válido considerar diversas propostas acerca desta categoria, tendo em vista o seu carácter multidisciplinar⁵. De acordo com Menezes (2013 *apud* VESTRAETE, 2004), a modalidade deôntica pode assumir, também, além da função objetiva, uma função subjetiva. Essa subjetividade, segundo a autora, está relacionada ao interesse do falante na realização de determinada ação, pois ao expressar obrigações, proibições e permissões, a fonte deôntica deseja que o alvo aja de determinada forma. Sendo assim, buscamos, através do funcionalismo linguístico, realizar um estudo que atendesse à complexidade desta categoria.

Dividimos o presente trabalho em três partes. Primeiramente, explanamos acerca do funcionalismo linguístico e da modalidade. Em seguida, partimos para a metodologia utilizada em nossa investigação. Nela, descrevemos o *corpus* selecionado para a realização deste trabalho, especificamos o programa utilizado em nossa análise quantitativa, detalhamos as ‘variáveis’ de análise e expomos nossa justificativa acerca da escolha por analisar a língua espanhola e sua expressão oral. Organizamos a terceira parte, relativa à análise, da seguinte forma: apresentação dos resultados, amostra de ocorrências e discussão dos dados.

Funcionalismo e modalidade

As primeiras considerações de cunho funcionalista surgem a partir da Escola de Praga, que se originou no Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém

⁵ A modalidade, segundo Pessoa (2011, p. 61), “[...] tem sido objeto de estudo dos mais variados enfoques teóricos, o que lhe confere carácter multidisciplinar [...]”.

Mathesius. Conforme Furtado da Cunha (1998, p. 159): “esses linguistas se opunham à distinção nítida entre sincronia e diacronia, assim como à noção de homogeneidade do sistema linguístico. ” Na realidade, há, nessa vertente, uma reação aos princípios propostos pelo estruturalismo, que privilegia a forma em detrimento da função. O Funcionalismo praguense, de acordo com Nogueira (2006, p. 25), “caracteriza-se então pela consideração das funções dos meios linguísticos, tendo em vista as necessidades de comunicação e expressão dos indivíduos”.

De fato, há que se considerar que quando se trata de fazer uma análise de cunho funcionalista, tanto os enunciados quanto os textos devem ser relacionados às chamadas *funções* que eles desempenham quando se dá a comunicação a nível interpessoal. Por isso, os funcionalistas buscam, exclusivamente, trabalhar com enunciados ou textos, orais ou escritos, produzidos por falantes reais em contextos comunicativos efetivos de fala, evitando o uso de todo e qualquer tipo de material que tenha sido inventado, dissociado de sua função nos atos comunicativos, realizados pelos falantes nativos ou não nativos de uma determinada língua (CUNHA, 2011, p. 158).

A causa dessa “preocupação” pelo uso de materiais autênticos⁶ se deve ao fato de que os funcionalistas concebem e entendem a linguagem como sendo uma “ferramenta” de interação social que se dá entre os falantes de uma comunidade linguística, alinhando-se, dessa forma, à tendência que analisa a relação existente entre linguagem e sociedade. Por isso, o interesse das investigações linguísticas de cunho funcionalista sobrepassa a estrutura gramatical das línguas, procurando nas diversas situações comunicativas, o material necessário para os mais diversos usos da língua pelos seus falantes. Em suma, “... a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso...” (CUNHA, 2011, p. 157).

Nesse sentido, a língua é vista como um instrumento de interação verbal entre os seus usuários, que assumem um papel primordial nesse processo. Dik (1981) ressalta, nas relações comunicativas, a relação entre a intenção do falante e a interpretação por parte do destinatário e propõe uma relação hierárquica na qual a sintaxe, juntamente

⁶ Segundo Kramsch, o termo ‘autêntico’ é usado em oposição à linguagem artificial pré-fabricada dos livros-texto e dos diálogos instrucionais; refere-se à forma não-pedagógica de uso da linguagem em situação natural de comunicação (1993, p. 175).

com os outros níveis estruturais da língua, é interpretada a partir da codificação de dois domínios funcionais, são eles: a semântica e a pragmática. Sob esta perspectiva, há um estudo mais amplo e complexo, não se restringindo à análise de frases isoladas como faziam os estruturalistas.

Entendemos, ainda, que uma abordagem a respeito da *modalidade* centra-se no estudo e na análise das escolhas enunciativas do falante dotado de uma informação pragmática para que, em determinada situação comunicativa, sua intenção seja bem sucedida ao chegar ao ouvinte, de modo que se estabeleça uma interação. Nesse sentido, a “... modalidade linguística é entendida como o modo pelo qual o falante qualifica o enunciado por ele produzido, ou seja, é o julgamento dos falantes sobre as possibilidades ou obrigações envolvidas naquilo que está sendo dito...” (PESSOA, 2011, p. 92).

A modalidade deôntica, em linhas gerais, consiste na seleção das formas de se transmitir dada informação com base em valores morais, éticos, normas de conduta, etc., como ocorre com a modalidade deôntica, a variados sujeitos, uma vez que estes podem modificá-la. Desta forma, “... a modalidade se apresenta como escolha, consciente ou não, do enunciador...” conforme nos informa Sedeño (2001, p. 102)⁷.

Entretanto, há algumas controvérsias a respeito da concepção de modalidade, e muitos autores acreditam que ela é uma característica atribuída à oração, mas vamos tratar aqui da modalidade como um conjunto de traços utilizados no ato comunicativo. Deste modo, consideramos que a “... modalidade constitui uma categoria linguística por meio da qual o falante codifica conteúdos e intenções (...) de modo a atuar sobre o ouvinte, ou melhor, a interagir com o ouvinte, seja ampliando, modificando ou substituindo sua informação pragmática...” (PESSOA, 2011, p. 93).

Neves (2000, p. 62 *apud* LIMA, 2009. p. 54) determina que a “modalidade deôntica” traz consigo, em graus diferentes, certa dimensão “epistêmica”, podendo expressar quatro coisas diferentes se forem expressões afirmativas, seriam elas: necessidade, obrigatoriedade, possibilidade e permissão. Tratando-se de expressões negativas, podemos encontrar, nesse caso, ocorrendo uma inversão de polaridade,

⁷ Nossa tradução. O original diz: “la modalidad se presenta como elección, consciente o no, del enunciador” conforme nos informa” (SEDEÑO, 2001, p. 102).

modalizadores verbais que expressariam: ausência de necessidade, ausência de obrigatoriedade, impossibilidade e proibição. Nesse caso, o discurso seria classificado como autoritário.

Dessa forma, entendemos que a modalidade deôntica se relaciona ao aspecto de “ordem” expresso no discurso e estabelece uma conexão com o *eixo da conduta*, que o falante necessita ter para codificar o conteúdo com o qual pretende interagir com o ouvinte. Assim, é possível dizer que a modalidade deôntica é a escolha, consciente ou não, do falante com o propósito de fazer crer o ouvinte. Logo, a modalidade deôntica, no geral, expressa os valores semânticos de *obrigação*, *permissão* ou *proibição*, uma vez que se relaciona a normas morais, sociais etc. (COSTA, 2009, p. 04).

Metodologia

A opção por analisar a expressão oral da língua se deu em virtude do seu caráter espontâneo e representativo da interação verbal. Tanto a língua oral como a língua escrita representam a interação verbal, porém, dada a característica anterior à escrita da expressão oral da língua, e, segundo Marcuschi (2010), sua aquisição de forma natural desde o primeiro contato do bebê com o meio, consideramos que a expressão oral da língua representa de modo considerável essa interação. Tendo em vista o escopo em descrever e analisar a língua espanhola, já exposto anteriormente, delimitamos o nosso *corpus* de análise a partir do material disponível pelo “Laboratório de Lingüística Informática (LLI)⁸”, o *Corpus Oral de Referencia de la Lengua Española Contemporánea* (CORLEC), que está organizado nas seguintes categorias:

Tabela I. *Corpus Oral de Referencia de la Lengua Española Contemporánea* (CORLEC).

1. Administrativos	10. Jornalísticos:
2. Científicos	• Debates
3. Conversacionais ou familiares	• Esportes
4. Educativos	• Documentais
5. Humanísticos	• Entrevistas
6. Instruções (megafonia)	• Noticiários
7. Jurídicos	• Publicitários
8. Lúdicos	• Religiosos
9. Políticos	• Técnicos

⁸ Este material está disponível na internet através da página < <http://www.llif.uam.es/ESP/>>.

Após a leitura minuciosa do CORLEC, delimitamos o *corpus* da pesquisa, totalizando aproximadamente 10.500 palavras. Obedecemos aos seguintes critérios para a delimitação de nosso *corpus*: (i) diversidade temática e (ii) caráter argumentativo dos textos orais. Atendendo a estes critérios, constituímos nosso *corpus* selecionando os registros orais pertencentes às seguintes esferas, a saber:

- Científico;
- Jurídico;
- Debate;
- Documental⁹.

A seguir, apresentamos uma síntese descritiva do nosso material de análise.

Tabela II. Características gerais do *corpus* analisado.

Categoria	Temas	Quantidade aproximada de palavras	Fonte	Localização
Científico	Doença, síndrome, traumatismo, etc.	4.419	Rádio	Madrid
Jurídico	Herança, testamento, aluguel, etc.	1.449	Rádio	Madrid
Debate	Discriminação, machismo, mulher, trabalho, etc.	2.578	Rádio	Madrid
Documental	Emprego, desemprego, busca, preparação, etc.	2.151	Rádio, Onda Cero	Madrid

Para a análise quantitativa, utilizamos o programa *Statistical Package for Social Science* - SPSS (versão para Windows). A partir dele, elaboramos gráficos e tabelas e obtivemos resultados confiáveis em razão dos cálculos precisos realizados pelo programa. Para a análise qualitativa, lançamos mão do funcionalismo linguístico.

⁹ Neste registro oral, interagem dois locutores e um representante do Instituto Nacional do Emprego, o qual dá dicas e orientações, através de sua opinião, e, por meio da modalidade deontica, diz o que deve ser feito no que diz respeito aos temas como emprego, carreira, preparação etc.

No que diz respeito às ‘variáveis’ da análise, embasamo-nos no estudo de Pessoa (2011)¹⁰. A partir dele, definimos as variáveis que buscamos encontrar em língua espanhola, a saber:

Tabela III. Variáveis de análise ¹¹.

Valor deôntico e polaridade	Fonte deôntica	Alvo deôntico
Obrigação Proibição Permissão Negação da obrigação Negação da proibição Negação da permissão	Enunciador Indivíduo Instituição Não especificado Inexistente	Enunciador Domínio Comum Coenunciador Indivíduo Instituição Não especificado
Formas de expressão	Modo	Tempo
Auxiliar modal Adjetivo Verbo pleno Substantivo Adv�rbio	Indicativo Subjuntivo Imperativo	Presente Pret�rito imperfecto Pret. Perfecto simple Pret. Perfecto compuesto Pret. Pluscuamperfecto Futuro simple Futuro compuesto Condicional simple Condicional compuesto
Tipos de auxiliares modais		
Marcas de subjetividade ¹²		

Análise e discussão de dados

Valor deôntico e forma de expressão.

Das 96 ocorrências encontradas, a obrigação, de todos os valores deônticos, foi a que mais se destacou em nosso *corpus*. Este resultado não nos surpreendeu em razão

¹⁰ Tese de doutorado “Modalidade deôntica e discurso midiático: Uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional”.

¹¹ Adaptação do quadro de Pessoa (2011).

¹² As marcas de subjetividade não foram analisadas quantitativamente, tendo em vista as dificuldades encontradas na análise relativas à relação entre modalidade deôntica e subjetividade.

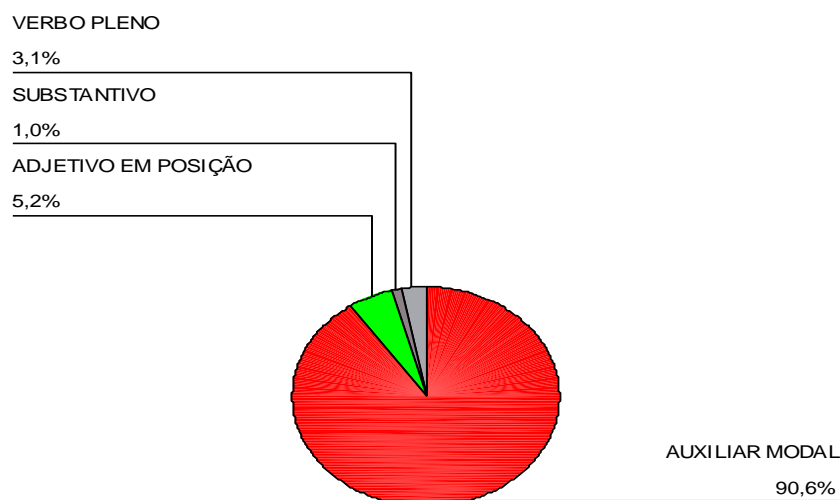
de ser este valor o prototípico¹³ da categoria modalidade deôntica, segundo Pessoa (2011). Os outros valores não mostraram a mesma expressividade, como podemos ver no quadro abaixo:

Tabela IV. Valor deôntico.

	nO.	%
OBRIGAÇÃO	83	86,5
PERMISSÃO	6	6,3
NEGAÇÃO DA OBRIGAÇÃO	5	5,2
NEGAÇÃO DA PERMISSÃO	2	2,1
Total	96	100,0

No que diz respeito às formas de expressão, os auxiliares modais foram os mais recorrentes, enquanto o meio ‘substantivo’ foi o que menos se evidenciou, como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Formas de expressão

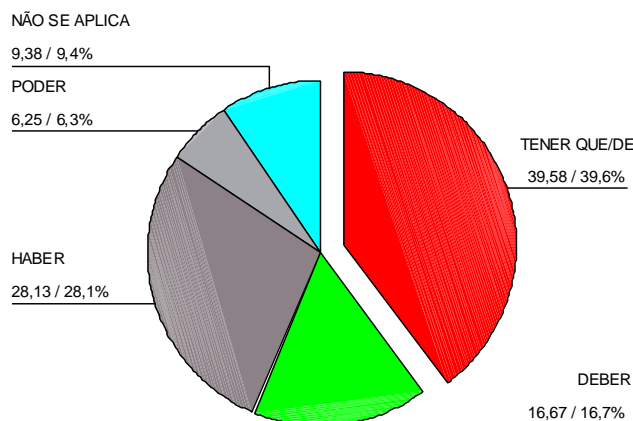


Em relação aos tipos de auxiliares modais, a construção ‘tener que/de’ foi a mais recorrente, constituindo 39,6% dos casos, e, em segundo lugar, temos o auxiliar

¹³ Givón (1984, p. 17) assim define a noção de prototipicidade: o membro mais protótipo de uma categoria é o que exibe o maior número de propriedades ou características dessa categoria. Todos os outros membros podem então ser classificados de acordo com seu grau de semelhança, ou seja, da sua distância do protótipo.

modal ‘haber que’, com 28,1%. Observemos, no quadro a baixo, e logo em seguida vejamos exemplos:

Gráfico 2: Tipo de auxiliar modal



A seguir, apresentamos algumas amostras extraídas do *corpus* para exemplificar concomitantemente os valores deônticos e formas de expressão detectadas em nossa análise.

(1) *Yo le quiero recordar a las mujeres que tenemos 40000 años de historia patriarcal delante de nosotras, y que sólo tenemos 25 años de concienciación de la mujer. Y aunque estoy totalmente de acuerdo que la concienciación tiene que venir primero de la mujer y exigirla a los hombres, también tenemos que tolerarnos mucho nosotras mismas.*

Na amostra (1), há duas ocorrências de obrigação expressas através do auxiliar modal ‘tener que’, o mais frequente em nosso *corpus*. Verificamos que, no primeiro caso, o falante acaba instaurando uma obrigação ao concordar com o que foi dito anteriormente, quando um falante expressa sua opinião de que a conscientização deve vir primeiro da mulher. Percebemos que sua intenção comunicativa foi, mais do que instaurar uma obrigação, concordar e reforçar a veracidade do dito por outro falante. Já no segundo caso, o falante, de fato, instaura uma obrigação intencionada, pois dessa vez, após concordar, vem a agregar algo mais a ser realizado pela mulher: ‘tolerar-se’ (significando autovalorização).

(2) *Este... ante todo tipo de tumor melánico o tumor névico de la piel, ¿eh?, hay que ir, indudablemente, a un especialista; a un dermatólogo o a un cirujano que se lo... vea. generalmente, la mayoría no tienen ninguna importancia.*

Vemos que em (2), o informante é dotado de poder para instaurar a obrigação em razão de sua formação como médico cirurgião. Através da construção modal ‘hay que’, o segundo tipo de auxiliar modal mais recorrente, instaura-se uma obrigação deôntica a todos que apresentem estes tumores na pele. Segundo Matte Bon (1995), com a perífrase ‘haber + que + infinitivo’, expressa-se a necessidade (obrigação) de maneira impessoal, pois não especifica qual sujeito deve operar, não há um sujeito sintático, somente é expressa a necessidade da realização de um estado-de-coisas. Embora não haja um sujeito sintático, consideramos a existência de um alvo, quem deve realizar a ação. Nos casos da expressão da modalidade deôntica com ‘hay que’, optamos pelo alvo domínio comum, pois embora a construção denote impessoalidade, em nossa análise, considerando todo o contexto discursivo, identificamos uma frequente incidência da necessidade de realização de uma obrigação deôntica por parte de alvos que, embora não estejam especificados, são cogitados (*todos que presentem tumores na pele devem ir a um especialista*).

(3) *Es decir, hoy no...no podemos afrontar temas oftalmológicos, no debemos hacerlo y, además, es conveniente que no lo hagamos...*

(4) *Eh... sí, efectivamente, la cirugía... de las prótesis, en este caso de las prótesis de cadera, es una zo<palabra cortada>... una cirugía que ha venido... <vacilación> en los últimos años, desde hace veinte o treinta años, a... remediar una serie... de problemas, porque permiten actualmente mantener la función de esa articulación...*

Em (3), o falante, como médico e diretor do programa, instaura, respectivamente, através das construções ‘no + poder + infinitivo’ e ‘no + deber + infinitivo’, uma negação da permissão e negação da obrigação. Em ambos os casos, proibições, indiretamente. Através de uma análise considerando todo o contexto discursivo, interpretamos a obrigação infligida pelo falante como uma regra imposta pelo programa. No caso (4), há a instauração de uma permissão através do verbo pleno ‘permitir’. Essa permissão é expressa por uma fonte inexistente. Embora seja de fato uma permissão deôntica, expressa-se de um modo bastante peculiar, como uma decorrência de um procedimento realizado, isto é, através do implante da prótese, mantêm-se a função de determinada articulação.

Fonte e alvo: (des)comprometimento com o dito¹⁴.

Quando analisamos a modalidade deôntica, pensamos na existência de uma fonte e de um alvo, sendo eles, respectivamente, quem instaura determinado valor deôntico e para quem recai a realização da obrigação, permissão ou proibição. Esta realização, por parte de um alvo, de determinado estado de coisas está relacionada à ideia de tempo futuro, isto é, Y instaura um valor deôntico que deve ser realizado em um tempo futuro por X (futuro este que pode ser próximo ou distante) ¹⁵.

Na instauração de qualquer valor deôntico, estão envolvidas as atitudes e intenções do falante. Uma vez que este pode comprometer-se com o dito, distanciar-se, dependendo de qual seja sua intenção comunicativa. Considerando estas questões acerca da modalidade deôntica, apresentaremos nossa análise quantitativa, através dos quadros que seguem, e faremos nossa análise qualitativa discutindo algumas amostras. Vejamos:

Tabela V. Fonte deôntica.

	nO.	%
ENUNCIADOR	86	89,6
INDIVIDUO	4	4,2
NÃO ESPECIFICADO	4	4,2
INEXISTENTE	2	2,1
Total	96	100,0

Tabela VI. Alvo deôntico.

	nO.	%
ENUNCIADOR	11	11,5
DOMINIO COMUM	62	64,6
INDIVIDUO	8	8,3
INSTITUIÇÃO	10	10,4
NÃO ESPECIFICADO	1	1,0
COENUNCIADOR	4	4,2
Total	96	100,0

No que tange à fonte e ao alvo deôntico, detectamos como a mais recorrente a fonte do tipo ‘enunciador’ e o alvo do tipo ‘domínio comum’.

¹⁴ Como vimos no quadro III, estabelecemos vários tipos de fonte e alvo, através dos quais o falante pode comprometer-se muito, pouco ou de forma alguma com o que enuncia. Veremos em nossas análises os efeitos (des)comprometimento que as escolhas no campo destas duas variáveis geram no enunciado.

¹⁵ Pessoa (2011) baseando-se em Lyons (1977).

(5) *Pues bueno, yo lo que pido es que... tenemos que mentalizar a... a los hombres... de que tienen que ayudar en casa y... de todas estas serie de cosas, ¿no?*

Em (5), encontramos duas ocorrências nas quais a fonte ‘enunciador’ (o próprio falante) instaura a obrigação a um alvo ‘domínio comum’. A discussão que se propõe diz respeito à discriminação de gênero, na qual a mulher vive um papel de subordinação na sociedade. Através da construção ‘tenemos que’, a fonte, que é uma mulher, participante do debate e consciente de uma realidade que remete à sua espécie, instaura uma obrigação a todas as mulheres de que devem conscientizar os homens. Ao utilizar a construção ‘tienen que’, a fonte, que continua sendo a participante, instaura uma obrigação a todos os homens de que devem ajudar em casa. Considerando que a produção do enunciado parte da intenção para a articulação, houve intenção, por parte do enunciador, de envolver-se com seu enunciado. Pois, ao articular a mensagem, optou por colocar-se como fonte e especificar o alvo. Sendo assim, o efeito de comprometimento, que a opção por este tipo de fonte e alvo gerou no enunciado, é indiscutível, já que o falante poderia não apontar diretamente para um alvo específico ou ocultar-se através de determinada fonte, isentando-se das responsabilidades.

(6)...*quiero preguntar al abogado cuál es la ley que marca que a nuestras señorías, el que cometa delito le ampara y le trata como a un ciudadano especial. Cuando ha sido notado por personas en las cuales tiene que responder él, y se le ampare de tal forma que se le permite solo eh... declarar incluso hasta por escrito. Gracias.*

Em (6), há, respectivamente, obrigação e permissão deôntica. Em ambos os casos, os valores são instaurados por fontes do tipo ‘não especificado’ a alvos ‘indivíduo’. Verificamos que o enunciador, ao determinar este tipo de fonte, intenciona não envolver-se com o que enuncia, por não entender sobre o tema ou, por, simplesmente, não querer informar de modo a livrar-se de qualquer culpa que possa ser gerada, em decorrência da informação contida em seu enunciado. O falante poderia distanciar-se, ainda mais, ocultando o alvo ou, caso seu interesse fosse o de comprometer-se com o dito, poderia construir o seu enunciado de outra maneira, informando a fonte ou, também, colocando-se como fonte.

Com relação à fonte ‘inexistente’ e ao alvo ‘não especificado’, podemos tomar como exemplo a amostra (4), na qual figura um caso especial da expressão da modalidade deôntica, pois não se aplica a noção de hierarquia entre fonte e alvo e, muito menos, a noção de reconhecimento, por parte do alvo, da fonte como algo/alguém

que tem autoridade para fazer recair sobre ele determinado valor deôntico. A expressão da permissão, nesta amostra, como já discutido anteriormente, trata-se mais do resultado de um procedimento realizado, visto que após uma cirurgia, através da qual se realiza um implante de prótese, é possível manter a função de determinada articulação.

(7) *Bien. Pero entonces, eh... mi marido <vacilación> le dijo el otro día, cuando vino el señor a pagar, que te teníamos que subirla... tres mil pesetas más, quince mil...*

Na amostra (7), o falante, que é uma mulher, refere-se ao aluguel de uma casa, da qual é dona ela e seu marido. Neste caso, o enunciador se coloca como alvo da obrigação instaurada por um indivíduo (o seu marido), que é quem informa ao inquilino sobre a necessidade de subir o preço do aluguel. Ao articular seu enunciado de modo a descrever sua situação e tirar suas dúvidas com o advogado, a senhora opta por incluir-se (usando a primeira pessoa do plural). Assumindo, assim, a responsabilidade da realização da obrigação, já que é esposa e, portanto, se a casa pertence a ambos as responsabilidades com respeito a ela, também.

(8) *Yo pienso que usted debe hacerse la exploración, depende de su edad, eh... de sus mamas al menos anualmente, vigilarse y si no vuelve a tener ningún derrame por el pecho puede olvidarse tranquilamente del tema.*

(9) *Yo quería comentar en esto de la televisión, que aunque debería fomentar, yo creo que hace lo contrario. Porque me acaban, yo no lo he visto, pero me acaban de llamar dos o tres amigas hablándome de un programa de la... Antena 3, en donde salía el culo de una mujer y tres personas, tres hombres, <vacilación> que son directores de esa... de esa antena comentando sobre ello. Eso es inaceptable...*

Em (8), o enunciador, que é quem instaura uma obrigação através do auxiliar ‘deber’ e uma permissão através do auxiliar ‘poder’, coloca-se em uma posição de elevado comprometimento com o seu enunciado, em virtude da opção por um alvo do tipo ‘coenunciador’ (um tipo de alvo que não só está presente, seja fisicamente ou através de um meio de comunicação, no momento da interação comunicativa, como também interage). Inferimos que a opção por este tipo de alvo não se deu somente porque o enunciador tinha que responder a questões propostas por um indivíduo presente, naquele momento de interação, mas, também, porque tinha a intenção de envolver-se com o que expressava, não temendo nenhuma responsabilidade possivelmente ocasionada por suas opções, posto que como médico, convicto de seus conhecimentos e posição social que representa (ajudar, curar, orientar no que diz respeito à saúde), pode, sem hesitar, instaurar obrigações, permissões para aquele

indivíduo que está, naquele momento, necessitando de suas orientações. Finalizando a discussão no que diz respeito aos tipos de fonte e alvo, há em (9) um alvo do tipo ‘instituição’, até então não apresentado aqui. Neste caso, a fonte do tipo enunciador instaura uma obrigação para a televisão, se referindo às emissoras, isto é, instituições, nas quais se deve fomentar uma imagem diferente da mulher na sociedade, colocando-a em um nível de igualdade com relação aos homens. Neste caso, o falante não se reprimiu, em instaurar a obrigação para às emissoras de televisão. Há, então, um grau de comprometimento considerável. Inclusive, porque o falante expõe sua indignação quanto ao episódio descrito, no qual mulheres foram vulgarizadas.

No tocante ao modo verbal, encontramos em nosso *corpus*, das 96 ocorrências de modalidade deôntica, 92 no modo indicativo, que foi o único que se evidenciou. Nos outros quatro casos, três se trataram de verbos em forma impessoal e um de substantivo. Ponderamos que o caráter absoluto do modo indicativo, em nossa análise, deu-se pela amplitude de uso, indicando a não ficção, ou seja, tudo que é real ou que possui uma realidade ou irreabilidade inquestionável, como afirma Alarcos Llorach (1999). O modo indicativo é, também, conforme o autor, o modo mais adequado para dar informações novas, as quais não foram evidenciadas e nem podem ser supostas pelos interlocutores.

Conclusão

Há um leque de formas de expressão por meio das quais pode se expressar a modalidade deôntica. Averiguamos que a maior frequência foi com o auxiliar modal ‘tener que’. Com respeito a este auxiliar modal, segundo assevera Matte Bon (1995), ao optar pela perífrase ‘tener + que +infinitivo’ em vez de ‘deber’, o falante expressa a necessidade da realização de um estado de coisas como algo que não depende somente dele, mas sim da situação, de condições externas. Desta forma, o falante “mascara” variadas intenções comunicativas. Ao usar ‘deber’, o falante reconhece plenamente a necessidade da realização como algo dito por ele e quando opta por ‘tener’ em vez de ‘deber’, para apresentar algo que não depende da situação e sim dele, o faz para não ser reconhecido como o único responsável. Estas considerações de Matte Bon (1995) podem justificar o número elevado de ocorrências com este auxiliar modal, porém concordamos em parte, uma vez que outros fatores estão envolvidos na questão do (des)comprometimento. Além do uso da estratégia de optar por uma forma ou outra, o falante faz uso de estratégias tais como especificação ou não da fonte e do alvo

deôntico, eleição intencionada de determinado modo e tempo verbal e, inclusive, o uso da modalidade epistêmica, como vimos nas marcas de subjetividade.

Após nossa análise detalhada em um *corpus* oral de língua espanhola, na qual consideramos desde os meios de expressão até às marcas de subjetividade, entendemos que o falante produz seu enunciado, partindo da intenção para a articulação. A partir de seus propósitos comunicativos, o falante vai codificar seu enunciado de modo que gere determinados efeitos desejados, seja de comprometer-se, distanciar-se ou atenuar o que enuncia. Concluímos que nossas escolhas, na hora de produzir os enunciados, não são arbitrárias, pelo contrário, estão condicionadas, e não só por fatores linguísticos, mas, também, por fatores externos à língua.

Referências Bibliográficas

ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. 406 p.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Funcionalismo e gramática do português brasileiro. (Org.) SOUSA. **Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas**. Editora Contexto: São Paulo, 2012.

COSTA, Sueli. Entre o deôntico e o epistêmico: o caráter camaleônico do verbo modal ‘poder’. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 05, n.11, 2009.

CUNHA, Angélica Furtado. Funcionalismo. (Org.) MARTELOTTA. *Manual de Linguística*. Editora Contexto: São Paulo, 2011.

LIMA, Anselmo Pereira de. *Educação Profissional e interação verbal: a função do verbo modal “poder” no diálogo professor-aluno*. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0901/090102.pdf>>. Acesso em: 17 de jul. de 2012.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Editora Guanabara: Rio de Janeiro, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Letramento. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala Para a Escrita*. Perdizes: Cortez, 2010.

MATTE BON, Francisco. *Gramática comunicativa del español: de la lengua a la idea*. Madrid: Edelsa, 1995.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Modalidade e argumentação. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira; LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos. *Modo e modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e Gramática*. Editora Contexto: São Paulo, 2006.

PESSOA, Nadja Paulino. *Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada na gramática discursivo-funcional*. 2011. 221 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2011.

_____. Modalidade deôntica e discurso publicitário: a construção da persuasão. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira; LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos. *Modo e modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: UFC, 2011, pp. 91-116.

SEDEÑO, M. *Subjetividad y modalidad lingüística*. Epos, XVII, 2011.

MENEZES, Léia Cruz. A função interpessoal no entendimento da modalidade deôntica. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 3, pp. 212-227, dez. 2013. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2013v10n3p212/25896>>. Acesso em: 27 dez. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2013v10n3p212>.

_____. As expressões linguísticas modalizadoras deônticas na construção da argumentação: um exercício de análise em discursos políticos. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira; LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos. *Modo e modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: UFC, 2011, pp. 165-187.

VÍTORES, David Fernández. *El español: una lengua viva*. Madrid: Departamento de Comunicación Digital del Instituto Cervantes, 2015.

Recebido em: 14/12/2015.

Aceito em: 08/03/2016.